

## CRECHES: ATIVIDADES PARA CRIANÇAS DE ZERO A SEIS ANOS

*Anamaria Santana da Silva\**

ABRAMOWICZ, A. e Wajskop, G. *Creches: Atividades para Criança de Zero a Seis Anos*. São Paulo: Moderna, 1995, 112 pp.

Um livro sobre creches! Esta é a proposta das autoras, Anete Abramowicz e Gisela Wajskop, que apresentam uma alternativa de trabalho com crianças de 0 a 6 anos, em creches.

As autoras são especializadas em educação infantil e neste livro apresentam, numa linguagem simples e utilizando-se do recurso da fotografia, uma proposta pedagógica centrada nos aspectos sócio-culturais. É, sem dúvida, uma grande contribuição, tanto, para os educadores de creche, como para os formadores de educadores de creche.

No primeiro capítulo, as autoras defendem a creche como um equipamento educativo, que, por "ser um espaço de vida e de interações, devem trabalhar com o heterogêneo e o plural".

No segundo capítulo, discutem a programação do trabalho que deve ter como base, as atividades cotidianas das crianças e dos adultos que ali trabalham. Assim, o banho, a troca de roupas, as refeições, o descanso, são atividades muito importantes e ricas em oportunidades de interações entre as crianças e, entre elas e os adultos.

Aliás, a interação é um conceito básico no desenvolvimento da proposta apresentada pelas autoras e deve estar presente nas atividades, tanto dirigidas, como nos momentos livres e deve ocorrer de várias formas: no olhar, nos gestos, na linguagem oral e escrita.

Nessa perspectiva, o planejamento realizado pelos educadores visa a organização do espaço, do tempo e dos materiais necessários à execução das atividades, garantindo o espaço da iniciativa das crianças

e possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia.

As autoras trazem uma contribuição bastante significativa aos educadores de creche, apresentando, no terceiro capítulo, instrumentos de trabalho como a observação, o planejamento, a anamnese, o diário e os relatórios, colocando algumas questões que ajudam na elaboração e utilização dos mesmos. Com o auxílio desses instrumentos, os educadores podem organizar a rotina diária das crianças e adequar os espaços da creche para a realização das atividades propostas.

No quarto capítulo, as autoras apresentam sugestões para as rotinas diárias. Segundo elas, as crianças devem ser agrupadas por faixa etária - 0 a 3 anos e 3 a 6 anos - porque as crianças pequenas permanecem menos tempo envolvidas com uma mesma atividade, e estão muito mais interessadas em explorar os objetos e o próprio corpo, descobrindo suas múltiplas possibilidades. Para as crianças maiores, os desafios são outros: atividades dirigidas, individuais ou coletivas, nas diversas áreas do conhecimento, inclusive, a escrita que passa a ser experimentada; os jogos e brincadeiras mais organizados e com regras mais definidas e a presença do jogo do faz de conta, como instrumento para se compreender os papéis sociais.

No entanto, é importante que se reserve momentos em que as crianças de todas as idades interajam, realizando atividades orientadas ou livres, em sala ou no espaço externo. A questão da distribuição das turmas por faixa etária, ainda é polêmica entre os educadores, mas acredito que a sugestão das autoras contempla, tanto a necessidade de organização das atividades, segundo os interesses e capacidade das crianças, quanto a necessidade de troca de informações e de contato entre crianças de idades diferenciadas.

No quinto capítulo, a idéia defendida é que o espaço físico não pode ser um entrave

---

\* Professora do Departamento de Educação da UFMS. Mestranda da FE-UNICAMP

para a execução das atividades propostas. O espaço deve ser construído, ocupado, organizado e desorganizado. As creches devem ter a preocupação de criar um ambiente seguro, onde as crianças possam ter experiências ricas e variadas: andar, correr, pular, subir, descer, cantar, conversar, descansar, comer, ler, escrever, enfim, é preciso levar em consideração que as crianças passam mais de 8 horas nesse espaço chamado creche. Assim, tanto o ambiente interno, quanto o externo, devem refletir os princípios educativos em que se baseiam os profissionais de educação infantil. As autoras conseguem, com muita propriedade, fazer uma articulação entre teoria do desenvolvimento e proposta pedagógica. Assim, partindo da concepção sócio-histórica, apresentam a brincadeira e o ambiente alfabetizador como eixos principais do trabalho.

No capítulo seis, a brincadeira é apresentada como uma atividade social que ocupa um espaço educativo fundamental na infância, pois proporciona o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da compreensão e apropriação de sentimentos e conhecimentos.

A alfabetização é o assunto do sétimo capítulo. A leitura e a escrita são vistas como elementos fundamentais no contexto sócio-cultural das crianças que frequentam creches e, portanto, o contato e o manuseio das diversas formas de materiais escritos deve ser proporcionado, estimulado e problematizado, no dia-a-dia das crianças.

As atividades de artes, matemática, leitura, escrita e outras, sugeridas na segunda parte do livro, dão pistas para os profissionais de educação infantil que querem aprimorar o trabalho desenvolvido nas creches. As autoras apresentam, ainda, uma lista com títulos de literatura infantil e de brinquedos recomendados.

Longe de ser considerado um manual, o trabalho de Abramowicz e Wajskop é um instrumento que possibilita uma reflexão sobre a qualidade do atendimento que tem sido oferecido em creches: o espaço físico, os materiais, a formação dos educadores, a proposta pedagógica, a participação dos pais, a destinação dos recursos públicos. No entanto, as autoras não se eximem de oferecer aos educadores de creches, uma lista de atividades como sugestão para o trabalho diário. Considero que isso é um passo muito significativo em direção da tão almejada relação teoria-prática, e, demonstra que as autoras estão empenhadas na construção de uma proposta pedagógica, com consistência teórica, que parta, efetivamente, da realidade das creches.

Sobretudo, acredito que o livro se insere no desafio de tantos educadores que vêm trabalhando no sentido de, a partir de uma realidade tão diversa e heterogênea que é a das creches brasileiras, construir não um modelo, mas um conjunto de diretrizes para o trabalho com crianças de 0 a 6 anos.